

A mensagem

A mensagem – Marcus Vinicius Peres Merelli

Biografia do autor: Apaixonado pelo Rio, Marcus Merelli escreve contos amadores tendo como cenário sua cidade, observando os pequenos conflitos internos e externos de personagens comuns, com leves dramas típicos da transição entre a adolescência e a vida adulta. O autor de 22 anos é aluno do curso de Letras Inglês/Literaturas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Resumo do texto: A partir da observação da tela de um aparelho celular, alguém propõe uma íntima reflexão sobre o sentir, o pensar e o dizer.

Se soubesse que, em algum nível, todas as pessoas também ponderavam sobre seus dizeres, talvez tudo fosse mais fácil.

Objeto de estudo da psicolinguística, e raiz de eterno debate, a relação de dependência entre linguagem e pensamento se tornava a cada instante mais latente em sua pequena cabeça. Por que simplesmente não conseguia falar? Bem, as palavras eram claras. Tinha tudo perfeitamente elaborado em sua mente. Sempre teve, desde a primeira vez em que pensou sobre isso. O corpo também não lhe impedia o feito: todos os músculos da face tinham memorizados os relaxamentos e as contrações necessárias; as cordas vocais vibravam a cada vogal ou consoante vozeada, toda vez que o ar passava por elas e se assim fosse sua intenção; os fonemas não eram estranhos à musculatura, cada “A” e cada “B” tinha sua execução previamente ensaiada de outros discursos; o encadeamento dos fonemas também nunca lhe fora um problema, desde que aprendera a falar; a sintaxe era tão simples quanto um predicador transitivo direto pode exigir. Mas as palavras nunca saíram.

Teria sido, então, sua mente. Sua mente teria bloqueado qualquer possibilidade de transformar aquele pedaço de pensamento em uma unidade simples de linguagem chamada enunciado. Olhava a tela do celular e se perguntava se era mesmo uma questão de pensamento ou de sentimento. E as técnicas de nada serviam, a não ser de uma justa procrastinação. Quando pensava se aquilo era pensar ou sentir, sabia que pouca diferença fazia, mas a ponderação lhe tomava tempo. Ganhava tempo. Pelo menos, não teria que dizer as palavras agora. Sempre buscou a procrastinação e o não dizer. Sempre evitou ter que dizer. Isso não significa que nunca tenha repensado ou até mesmo se arrependido de ter deixado uma oportunidade para trás. É claro que se arrependeu.

A tela do celular indicava o dia vinte. O dia vinte marcava poucos anos e alguns meses do dia em que achou que deveria ter falado pela primeira vez. Em outro dia vinte qualquer, sentiu o toque da mão em sua mão. E o toque era elétrico. As pontas dos dedos deixavam digitais em sua palma ao deslizar suave em retirada. E cada linha sinuosa da fina camada de pele na ponta do dedo parecia adequar-se às linhas da palma da mão. E as pontas dos dedos já nem eram tão macias. Mas não falou então. E quando os dedos finalmente perdiam contato com a mão, tudo o que sobrava era eletricidade. A ausência do toque deixava uma sensação fantasmagórica. A mão ainda estava ali, ou o que restou dela. O sentimento de proximidade, de pertencimento, de que de repente o mundo todo parecia estar girando na direção certa, tudo ficou. Apesar de não sentir mais os dedos ali, as impressões continuaram. Em partes, nunca saíram, assim como as palavras nunca foram ditas.

Ouvidas, sim.

Uma vez, muitas vezes. Mas a primeira foi entre o toque e o sorriso. O primeiro ecoava ainda em sua mão, segundos depois; o segundo foi de fato retribuído. Já as palavras, nunca foram ditas. Sabia que devia ter falado quando, da terceira vez, viu o sorriso levemente decair por um instante e logo em seguida, ser retomado. Abruptamente. Felicidade. Decepção. Entendimento. A retomada quase forçada do sorriso acompanhava uma promessa silenciosa de que tudo estava bem. De que não precisava ser melhor, ou fazer melhor, ou se provar melhor. Acima de tudo, uma promessa de que palavras eram só palavras e não precisavam ser ditas.

Encarando a tela de mensagens agora vazia, pensava se não precisavam mesmo ter sido ditas. Meses depois do toque, e mesmo depois do sorriso frágil, nenhuma palavra havia sido dita. Fazia caso demais de umas palavras. O que elas eram? Preferia retribuir todos os sorrisos, os toques, os beijos tão elétricos quanto os toques. E o calor. O calor sempre esteve ali. Emanava pelos sorrisos, viajava de olhos a olhos, pairava nas mãos dadas a passeio pelo parque, aqueciam o sangue nos lábios, exigiam suspiros profundos para que este pudesse ser oxigenado e bombeado novamente concretizando seu ciclo. E o calor lhes envolvia nos dias na praia ou até mesmo nas noites cariocas.

Nos últimos momentos, acreditou que as palavras sempre estiveram ali. No próprio calor. Nas flores. Em todas as outras palavras que não as certas. Sim, de fato, foram felizes. Nunca lhes faltou nada, até mesmo porque as palavras sempre estiveram em algum lugar entre os olhares cruzados. Quando acabou, porém, o ar sobre o qual as palavras pairavam teve de ser engolido a seco e as palavras ficaram presas na garganta.

Hoje, o ar não passa da mesma forma. As cordas vocais nem sequer sabem com que ar vibram, se todo o ar entre os pulmões e a boca se encontra constringido por palavras. As lágrimas, sim, conseguem rolar livremente pelas maçãs do rosto, mas não há ar que lhe saia da garganta sem encontrar o infeliz soluço do choro. Sem encontrar os morfemas embaralhados. A desinência número pessoal podia ser clara, mas como expirar se um aglomerado de possibilidades para a desinência modo temporal lhe entupia todo o aparelho fonoarticulatório? Os pretéritos perfeitos e imperfeitos posam a ironia de que o perfeito é sempre o terminado, mas imperfeito é sempre como acaba. E como alguém pode falar sobre futuros se os presentes dos subjuntivos nunca estão em harmonia? Todos os verbos se mergulhavam num mar de pretéritos imperfeitos do subjuntivo e futuros do pretérito. Se fizesse, aconteceria. Se quisesse, poderia. Se tivesse dito. Se tivesse dito. O único presente do indicativo possível é: não sabe.

Mas tudo acabara e hoje é só pretérito mais-que-perfeito.

Não precisava das palavras agora, já que nunca precisou antes. Nunca as disse porque na verdade nunca soube se eram verdade. Nunca soube porque saber pertence ao pensamento e como é que se pode saber sobre um sentimento, então? Mas hoje, quando nada fazia diferença, deixou uma mensagem com as palavras que nunca disse quando ainda era tempo. Mas sem ressentimentos, sem medo de errar desta vez, da forma mais honesta e com a maior certeza que já teve, disse:

Eu te amei.